



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - PORTUGUÊS**

MARCELLE DE LIMA PINHEIRO SANTOS

O CIÚME NA OBRA *QUERIDA*, DE LYGIA BOJUNGA

**CAMPINA GRANDE
2020**

MARCELLE DE LIMA PINHEIRO SANTOS

O CIÚME NA OBRA *QUERIDA*, DE LYGIA BOJUNGA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso Letras-Português, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras- Português.

Área de concentração: Estudos socioculturais pela literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães

**CAMPINA GRANDE
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237c Santos, Marcelle de Lima Pinheiro.
O ciúme na obra Querida, de Lygia Bojunga [manuscrito] / Marcelle de Lima Pinheiro Santos. - 2020.
26 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães , Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."
1. Análise literária . 2. Ciúme. 3. Literatura infanto-juvenil .
I. Título

21. ed. CDD 801.95

MARCELLE DE LIMA PINHEIRO SANTOS

O CIÚME NA OBRA QUERIDA, DE LYGIA BOJUNGA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso em Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras - Português.

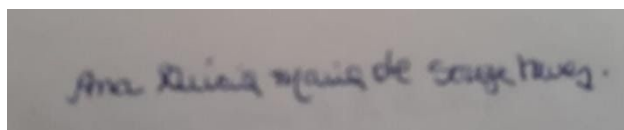
Área de concentração: Estudos socioculturais pela literatura.

Aprovada em: 30/ 11/ 2020.

BANCA EXAMINADORA

Kalina Naro Guimarães

Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Bruno Santos Melo

Me. Bruno Santos Melo
(Doutorando no PPGLI- UEPB)

E o ciúme? [...] eu achava ele tão feio. Resolvi virar ele numa coisa pra gostar de olhar. Transformei ele num pássaro lindo, bem grande, de peito amarelo e de penacho vermelho na cabeça. E pra ele não poder mais entrar na minha vida eu prendi ele numa gaiola. (BOJUNGA, 2018, p.101)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	A LITERATURA INFANTO- JUVENIL COMO “APOSTA NA REALIDADE”: O CASO DO LIVRO <i>QUERIDA</i>	09
2.1	Contextualização geral e alguns traços da obra de Lygia Bojunga	11
3	O TEMA DO CIÚME: BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA.....	15
4	O CIÚME NA TRAJETÓRIA DE POLLUX: DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA	18
5	CONCLUSÃO.....	25
	REFERÊNCIAS.....	25

O CIÚME NA OBRA *QUERIDA*, DE LYGIA BOJUNGA

Marcelle de Lima Pinheiro Santos¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise sobre a representação do ciúme na obra literária *Querida*, de Lygia Bojunga (2009). Observa-se esse sentimento a partir da linguagem que denomina as emoções e reações do protagonista Pollux frente às experiências afetivas vividas em sua infância e vida adulta, bem como por meio das relações que este personagem estabelece com Tio Pacífico, com o qual partilham alguns traços em comum, como a ligação possessiva com a mãe. Para isso, efetua-se uma pesquisa bibliográfica que conta com os pressupostos teóricos de Cademartori (2010), sobre a literatura infanto-juvenil; Sandroni (2011), que discute alguns aspectos da narrativa de Lygia Bojunga; Santos (1998) e Pasini (2006), sobre o tema ciúme. Ao final do trabalho, conclui-se que Pollux apresenta relações afetivas marcadas pelo sentimento de posse, tendo em vista que o ciúme o acompanha da infância à vida adulta. Ressalta-se também a importância de abordar sentimentos complexos como este na literatura infanto-juvenil, possibilitando às crianças e adolescentes identificarem-se com a leitura, de modo a refletirem sobre o ciúme em suas próprias realidades.

Palavras-chave: Ciúme. *Querida*. Literatura infanto-juvenil. Lygia Bojunga.

ABSTRACT

The current article presents an analysis of the representation of jealousy in the literary work “*Querida*” by Lygia Bojunga (2009). This sentiment is observed through language that denominates the protagonist Pollux’s emotions and reactions to his affective life experiences as a child and an adult. This is also perceived in the relationship the main character establishes with Uncle Pacifico, with whom he shares some traits, such as the possessive bond between them and their mothers. Therefore, bibliographic research was conducted based on the theoretical assumptions of Cademartori (2010) about children’s literature; Sandroni (2011), which discusses some aspects of Lygia Bojunga’s narrative; Santos (1998) and Pasini (2006), concerning the theme of jealousy. At the end of the article, it is concluded that Pollux displays emotional relationships marked with the feeling of ownership, considering jealousy accompanies him throughout childhood and adulthood. It is also emphasized the importance of addressing complex feelings such as this one in children’s literature, enabling kids and adolescents to identify themselves in reading, reflecting upon jealousy in their reality.

Keywords: Jealousy. *Querida*. Children’s Literature. Lygia Bojunga.

¹ Aluna de Graduação do Curso de Letras-Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba - *Campus I*. E-mail: marcelle.pinheiro@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Ao pensar na palavra ciúme, talvez a ideia que surja remeta ao sentimento cultivado entre casal. No entanto, esse modo de se relacionar com o outro não é restrito apenas ao universo dos adultos. As crianças também podem ter sentimentos profundos, como saudade, medo, perda, tristeza e o ciúme não é exceção.

Boa parte da literatura infanto-juvenil contemporânea produzida no Brasil explora temas problemáticos, considerados, numa perspectiva mais conservadora, próprios do mundo dos adultos. Lygia Bojunga é uma das escritoras que tematiza situações narrativas complexas, que rompem a dicotomia entre o bem e o mal e com a separação artificial entre o universo da criança e do adulto. Sua literatura sempre aborda a realidade cotidiana, a partir de um enquadramento linguístico e reflexivo que costuma agradar tanto aos mais jovens quanto aos adultos, pois ela enfatiza, nas experiências que narra, os sentimentos comuns a toda gente.

Em *Querida*, obra publicada em 2009, é narrada a história de Pollux, um menino que foge de casa para um retiro onde mora seu tio Pacífico e Ella – uma atriz de teatro pela qual este é apaixonado. Essa fuga é uma forma de castigar lara, sua mãe, pelo novo relacionamento amoroso, do qual o garoto sente ciúme. Ele acha que seu falecido pai foi esquecido e substituído pelo fato de a mãe estar vivendo com Roberto, seu atual companheiro, enxergando como traição esse novo amor. O menino coloca-se como abandonado e excluído do amor materno, agindo com possessividade ao desejar concentrar nele toda a atenção da mãe. Na sua estadia no retiro, ficamos sabendo que, como o protagonista, Pacífico também nutriu esse sentimento pela mãe e, então, ajuda o sobrinho a superá-lo. No aniversário de dez anos do menino, Ella encena uma peça conversando com uma estrela – simbolizando o pai falecido de Pollux – e atua como se fosse o próprio garoto, ao usar uma máscara que representa o Ciúme. Após essa experiência, o protagonista passa a reconhecer esse sentimento e, lidando melhor com ele, volta para casa e aceita o relacionamento da mãe com o padrasto. No entanto, as relações pautadas na possessividade não foram um evento pontual na trajetória do personagem. Em sua vida adulta, o ciúme interfere em todos seus casos amorosos: este sentimento é expressado não somente por ele, mas por todas as suas parceiras.

Considerando isso, essa pesquisa analisa a representação do ciúme na obra *Querida* (2009), de Lygia Bojunga. Foram observadas as características que definem Pollux como ciumento, visto que há no texto várias passagens a partir das quais podemos inferir como esse sentimento conduz a trama narrativa e a constituição do protagonista. Por meio da linguagem que nomeia as emoções, reações e estado de espírito do personagem e da relação que o menino estabelece com o Tio Pacífico, apresentamos como o ciúme passa a afetar Pollux, tanto na infância como na fase adulta. Dessa maneira, a discussão retratou o ciúme enquanto sentimento possível de se perdurar no tempo, ressaltando o percurso psicológico do personagem nesse processo.

A escolha do tema justifica-se pelo fato de que, apesar de ser muito abordado na literatura adulta, na infanto-juvenil, o ciúme é pouco presente. É necessário que o leitor iniciante tenha contato com obras que abordem suas realidades, visto que as crianças poderão interagir, se identificar com as histórias e refletir sobre elas, a partir do seu próprio mundo. Segundo Sandroni (2011), a literatura infantil propõe ao pequeno leitor a construção e solução de respostas a seus conflitos, pois a leitura faz com que ele vivencie e imagine realidades diversas, levando certamente ao amadurecimento psicológico.

Nossa pesquisa é bibliográfica, pois estudamos um conjunto de textos teóricos sobre o tema do ciúme, sobre a literatura infanto-juvenil e aspectos da narrativa de Lygia Bojunga, a partir de autores como Santos (1998), Pasini (2006), Coli (2009), Costa (2010), Cademartori (2010), Sandroni (2011), entre outros. O resultado é um trabalho crítico, no qual o arcabouço teórico instrumentalizou uma leitura, dentre tantas possíveis, do livro *Querida*.

A seguir, apresentamos o livro *Querida*, de Bojunga, como uma obra que “aposta na realidade” (PAIVA, 2008), ao tratar de temas e conflitos comuns aos homens, por meio de uma linguagem estética que não subestima o leitor.

2 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL COMO “APOSTA NA REALIDADE”: O CASO DO LIVRO *QUERIDA*

A literatura é importante para a vida, pois, conforme Candido (2011), atende a uma necessidade universal de imaginação, enriquecendo a percepção e a visão do mundo do leitor, podendo ajudar a formar a personalidade. Ela é um fator indispensável de humanização pois “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (CANDIDO, 2011, p. 177). Para o autor, a literatura é um direito de qualquer cidadão e está associada à humanização, que é um

exercício da reflexão, aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota da humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO 2011, p. 182).

Então, a arte literária é importante tanto para os adultos como para as crianças. No Brasil, a literatura infanto-juvenil é relativamente recente. Muitos autores como Monteiro Lobato, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Lygia Bojunga, Ana Maria Machado, escreveram obras que dialogam com as crianças e o público mais jovem, constituindo o que se denomina de literatura infanto-juvenil. Para Antunes (2019, p.8.),

a literatura infanto-juvenil deve ser contemplada pela discussão a respeito de sua especificidade, baseada em parâmetros similares, ou seja, que a considerem como acessível a um público jovem e igualmente capaz de formar para a vida.

Assim, o objetivo central da literatura deve ser o prazer pela leitura, fazendo com que o público seja cativado e, como decorrência da frequente interação criativa com o escrito, crie, talvez, o hábito de ler. Também, é importante que essa literatura, sendo lúdica, seja capaz de formar para a vida, pois a leitura deve causar prazer, questionamentos, reflexões etc.

Segundo Azevedo (1999), a literatura infantil é arte da palavra cuja motivação é sempre estética, pois apenas busca: o belo, o poético, o lúdico, o prazer daquele que lê. A literatura não é utilitária, visto que não serve para nada, nem busca ensinar nada. É subjetiva e ambígua, tratando de assuntos variados como morte, paixão, perda, sonhos, injustiça etc.

Noutra perspectiva, Colomer (2017) admite algumas funções da literatura para crianças e jovens, que podem ser resumidas da seguinte forma:

1. Iniciar o acesso ao imaginário compartilhado por uma determinada sociedade.
2. Desenvolver o domínio da linguagem através das formas narrativas, poéticas e dramáticas do discurso literário.

3. Oferecer uma representação articulada do mundo que sirva como instrumento de socialização das novas gerações. (COLOMER, 2017, p. 20).

Segundo a autora, a literatura abre a porta para o imaginário, permitindo uma visão distinta do mundo. Ela propicia que o leitor se ponha no lugar do outro, distanciando-se, muitas vezes, da sua realidade social ou linguística, o que faz com que ele saia de sua zona de conforto, ao ter acesso a uma linguagem pouco usual. A autora também aborda que no campo da psicologia, a literatura é destacada como importante na construção da personalidade. Além disso, enfatiza que é essencial para os pequenos leitores, porque dá a eles a possibilidade de dominar a linguagem e as formas literárias básicas, a fim de desenvolver competências interpretativas.

Numa perspectiva parecida, Cademartori (2010) aborda a literatura como aventura estética, que possibilita o desenvolvimento da subjetividade, a reordenação dos próprios conceitos e vivências, oferecendo ao leitor padrões de leitura do mundo. Ela destaca a importância de levar em conta a idade do leitor, a fim de que os elementos que compõem a obra estejam de acordo com a competência de leitura e em harmonia com as experiências da criança. Ao ler formas poéticas, narrativas ou dramáticas que encenam os mais variados sentimentos e situações, o leitor pode desenvolver um olhar mais acurado sobre o mundo, pois experimenta na obra o universo da linguagem e os diferentes saberes humanos:

A obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. (CADEMARTORI, 2010, p.23).

Ao se deparar com o universo fictício e da fantasia, o leitor tem a oportunidade de interpretar o mundo escrito (e a imagem, no caso do livro ilustrado), compreendendo, nesse processo, também o real. Portanto, como já foi dito, constata-se a necessidade da literatura para a criança e adolescente: uma literatura que dialogue com o público infanto-juvenil, embora não se limite a ele, visando o prazer de ler e a formação de leitores para a vida, pois:

As histórias que apelam para a nossa imaginação agem sobre nós como as que encantam as crianças de tal forma que se nem todo livro de adulto serve para menino, todo bom livro de criança serve para um adulto. O grande, o bom conto infantil é, portanto, o que vale igualmente para adultos. (CANDIDO, 1986, *apud* ANTUNES, 2019, p.8.).

Querida é um exemplo dessa literatura infanto-juvenil que vale igualmente para adultos. Com uma linguagem coloquial e, em alguns momentos, poética, Bojunga emociona seus leitores, independentemente da idade, ao contar a história de um garoto acochado pelo ciúme. Misturando gêneros, como a carta, o teatro e a narrativa, a autora constrói um universo verossímil no qual são tematizadas questões reais, o que torna fácil a identificação com a obra.

Em *Querida*, observamos temáticas consideradas "delicadas", pois aborda a morte e a saudade do pai, o ciúme, além de outros sentimentos como a solidão, o medo e a rejeição, mesmo que estes, na narrativa em tela, sejam mais um efeito da imaginação do protagonista, do que uma emoção ancorada numa realidade concreta. Paiva (2008, p.37-38) afirma que a literatura infanto-juvenil pode abordar "temas que põem em relevo experiências cotidianas, vivenciadas por qualquer ser humano, independentemente da idade, como morte, o medo, o abandono e a separação.". A autora denomina essa literatura de "realidade como aposta", pois nestas obras há "a tentativa de enfrentamento de questões fundamentais da existência humana que atingem crianças com intensidade semelhante à que atinge adultos." (PAIVA, 2008, p.44).

Para Paiva (2008), sentimentos como morte, medo, abandono, separação e sentimentos como amor, raiva, angústia, tristeza, ciúme, posse e perda são temas que

possuem um ponto em comum: partem de situações vividas pelas crianças; ancoram-se na realidade vivida por meio de cenários comuns ao cotidiano infantil, permitindo que a criança se reconheça na história e faça associações, ampliando significados e representações sobre os temas narrados. (PAIVA, 2008, p.46).

Muitas crianças podem se identificar com o drama vivido por Pollux, pois, como este personagem, elas também sentem ciúme, medo, solidão, rejeição, saudade. Ao se reconhecerem no protagonista, os leitores podem lidar melhor com seus próprios conflitos e amadurecerem, pois “muitos livros para os pequenos são centrados na identificação imediata com um personagem infantil que leva a cabo ações muito parecidas com as do leitor na vida real.” (COLOMER, 2017, p.35). A semelhança com a realidade faz com que haja a identificação pela qual o leitor se aproxima da literatura. Mesmo outros pequenos leitores que não tenham passado experiências semelhantes, ao lerem *Querida* podem sentir empatia por se colocarem no lugar de Pollux. A obra literária, assim, pode configurar-se em espaço de vivência de múltiplas situações e sentimentos, possibilitando ao leitor o contato com os mais profundos dramas humanos.

2.1 Contextualização geral e alguns traços da obra de Lygia Bojunga

Lygia Bojunga é uma escritora brasileira de literatura infanto-juvenil que nasceu em 1932, no Rio Grande do Sul. Quando completou oito anos, sua família se mudou para o Rio de Janeiro, por esse motivo em suas obras são notórios traços coloquiais cariocas. A autora possui diversas obras: *Os colegas* (1972), *Angélica* (1975), *A bolsa amarela* (1976), *A casa da madrinha* (1978), *Corda bamba* (1979), *O sofá estampado* (1980), *Tchau* (1984), *O meu amigo pintor* (1987), *Nós três* (1987), *Livro, um encontro* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991), *Paisagem* (1992), *6 vezes Lucas* (1995), *O abraço* (1995), *Feito à mão* (1996), *A cama* (1999), *O Rio e eu* (1999), *Retratos de Carolina* (2002), *Aula de inglês* (2006), *Sapato de salto* (2006), *Dos vinte 1* (2007), *Querida* (2009), *Intramuros* (2016).

Lygia Bojunga ganhou diversos prêmios com seus livros. Entre estes, destacamos o Jabuti, prêmio literário dirigido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), com: *Os colegas*, em 1973, *Fazendo Ana Paz*, em 1993 e *Seis vezes Lucas*, em 1997. Outros prêmios foram o selo de “Altamente recomendável para o jovem”, e internacionais como: Lista de Honra e ALMA. A autora também levou, em 1982, o mais tradicional prêmio internacional de literatura para crianças e jovens: Prêmio Hans Christian Andersen – IBBY.

Segundo Sandroni (2011), Bojunga não utiliza do fantástico com seres sobrenaturais, magia etc., mas “da invenção humana, da capacidade de olhar para dentro de si mesma e de lá, através da fantasia, da imaginação, vencer o medo, as angústias e resolver os problemas reais.” (SANDRONI, 2011, p.128), a fim de aguçar a percepção crítica. Para ela, as narrativas de Lygia Bojunga são ricas em fantasias baseadas no real com o intuito de “discutir os comportamentos sociais frutos da ideologia dominante sem, no entanto, deixar de lado sua função lúdica.” (SANDRONI, 2011, p.73).

Outra característica das obras comentada por Sandroni (2011) é a “história-dentro- da- história”. Em *Querida*, dentro da história de Pollux, também conhecemos

a história de seu tio Pacífico que abandona a família, o trabalho, a casa e a cidade, a fim de ir viver para Ella – a mulher pela qual é apaixonado.

Além disso, as narrativas de Bojunga possuem “histórias e personagens cheios de vida, graça e humor.” (SANDRONI, 2011, p.74). Mesmo tratando de temas complexos, o humor não é deixado de lado. Por exemplo, quando Pollux vai à casa do tio e toca o sino, ao surgir um homem de meia idade, o menino diz:

— Eu queria falar com Pacífico.

— Sou eu.

O garoto se espantou:

— É mesmo?

— Por quê?

— Nada, não, é que... eu não achei você com cara de Pacífico. (BOJUNGA, 2009, p.14)

O comentário de Pollux ao conhecer o tio, dizendo que ele não tinha cara de Pacífico, causa humor na narrativa. Ademais, Bojunga cria nomes bastante originais para seus personagens, com significados esclarecidos ao longo da narrativa. Por exemplo, é explicado que o avô de Pollux era oceanógrafo e, por isso, todos os nomes dos seus filhos tinham a ver com água, mar, oceano, rios, lagos, como: Pacífico, Egeu, Atlântico, Netuno, Lara, Atlante. Quanto a Pollux, seu nome foi escolhido pelo seu pai, que sempre lia histórias sobre mitologia grega².

Outra característica abordada por Sandroni (2011) é o uso do gênero carta como algo recorrente nas narrativas de Lygia Bojunga. No começo de *Querida*, Pollux vai à casa de Pacífico e fala que a última notícia que a família tinha dele já fazia dez anos. Era uma carta que havia sido deixada com o avô, e foi passada de irmão para irmão, até chegar em Lara – mãe de Pollux:

Meu pai, meus irmãos

Convivemos vários anos, e vocês sabem, tão bem quanto eu, que a convivência foi difícil. Ficou ainda pior depois que a mãe morreu. Ela foi a única pessoa com quem consegui realmente me comunicar; a única com quem tive uma relação feliz [...] (BOJUNGA, 2009, p.26).

Nas narrativas de Bojunga, a mistura de gêneros tem certa recorrência. Na obra *Querida*, Pollux, em algumas situações em que sente medo, recita versos do poema Y-Juca-Pirama, de Gonçalves Dias, para melhor lidar com este sentimento. Há também, nas passagens que narram a encenação de Ella, a referência ao gênero teatro: a “peça é levada à cena, sem que isto interrompa o fluxo da narrativa, ao contrário, a ela integrando-se.” (SANDRONI, 2011, p.78).

A narrativa e a peça ocorrem ao mesmo tempo, ou seja, o leitor não precisa se ausentar da narrativa para adentrar na peça. Além disso, não há exatamente o gênero dramático, pois o texto não é dividido em atos e cenas, embora percebamos algumas características do texto teatral como: a encenação; a presença do ator; a plateia; o figurino; a referência à linguagem corporal e gestual.

Outro aspecto importante nas obras de Lygia é a metalinguagem. Em *Querida*, Pollux, inserido na carreira de escritor, reflete sobre a literatura: “Afinal de contas, literatura não deixa de ser isso mesmo; um “anúncio” público, sempre meio disfarçado, que os escritores fazem de suas próprias preocupações e anseios..., não é?” (BOJUNGA, 2009, p. 222).

² Pólux e Castor eram filhos gêmeos de Leda e Júpiter. O primeiro era famoso como lutador e o segundo, como domador de cavalos. Eram unidos por grande afeição e inseparáveis em todos os seus feitos. Castor foi morto em guerra e Pólux, inconsolável com esta perda, pede a Júpiter que o irmão ressuscite, em troca da própria vida. Em uma versão da mitologia, Júpiter compensa o amor entre os irmãos, colocando-os entre as estrelas, como Gemini, os Gêmeos. (BULFINCH, 2014)

Sandroni (2011) destaca que Lygia Bojunga apresenta originalidade no universo metafórico de suas obras, pois há, de forma equilibrada, reflexão em meio ao lúdico. Destaca também a presença da relação de amor e amizade em suas obras. Por exemplo, em *Querida*, o amor é tematizado por meio da relação entre Pacífico e Ella, já a amizade é focada entre Pollux e Pacífico.

Em *Querida*, Bojunga utiliza de figuras de linguagem, como a sinestesia: “A risada do pai entrou forte na lembrança do Pollux. A recitação emudeceu. Como era gostosa a risada dele!” (BOJUNGA, 2009, p.33). A risada é definida como gostosa no sentido de ser cativante, contagiante, unindo termos cujos significados indicam audição e paladar. A autora também usa a personificação: “Foi nessa hora que a tal tristeza, que já tinha visitado o Pollux lá no ponto do ônibus, apareceu outra vez.” (BOJUNGA, 2009, p.37). A tristeza é narrada como se fosse um ser real que estivesse visitando o personagem. Além disso, a hipérbole é uma figura de linguagem muito usada por Pollux: “— Eu não vou voltar pra casa, não vou! Eu vim pra ficar com você, foi muito difícil eu chegar até aqui, tô morrendo de cansado, tô com uma fome danada!” (BOJUNGA, 2009, p.15). A citação demonstra como Pollux se sente cansado, utilizando do termo “morrendo” exageradamente.

Segundo Sandroni (2011), a forma com que Lygia Bojunga utiliza a linguagem informal não empobrece o texto, mas demonstra a capacidade de “recriar o universo verbal, no qual a criança está inserida, de maneira a pô-la em contato com a riqueza de sua própria língua.” (SANDRONI, 2011, p. 101). Há também a utilização de “a gente” no lugar de “nós”, o verbo “ter” no lugar de “haver”, a preposição e conjunção “que nem” e “feito”, a narrativa marcada por gírias urbanas cariocas como “meio que”, e a presença de neologismos. Como exemplo de linguagem coloquial, citamos uma passagem em que Pollux vai à casa de Pacífico e se apresenta:

[...] — Eu sou o Pollux.
 Foi a vez do Pacífico se admirar:
 — Pollux?
 O Pollux fez que sim.
 — Que Pollux?
 — O Pollux, ué.” (BOJUNGA, 2009, p.14).

A gíria “ué” e tantas outras são utilizadas na obra, trazendo informalidade à leitura. Há certos termos que poderiam ser substituídos por expressões mais formais, no entanto, Bojunga propositadamente marca a narrativa com palavras coloquiais como forma de aproximar o pequeno leitor da literatura. A autora, por exemplo, utiliza da palavra “um bocado” em vez de “muitas/ várias”, “botou” em vez de “colocou”, “aí” em vez do uso de conjunções, “cara” em vez de “rosto”, “canto” em vez de “lugar”, “me leva” no início da frase, em vez de “leva-me”. Além disso, há abreviação de algumas palavras, como “pra” em vez de “para”, “tô” em vez de “estou”, “cê” em vez de “você”, “tão” em vez de “estão”, “tava” em vez de “estava”, etc.

Em *Querida*, há palavras em itálico como forma de intensificar a fala do personagem:

— Pois é... Mas só no mês passado é que eu fiquei sabendo o resto de você.
 O Pacífico olhou pro Pollux com uma expressão meio curiosa, meio divertida:
 — O *meu* resto? E qual é o *meu* resto? (BOJUNGA, 2009, p. 24, grifo da autora).

Muitas vezes, a letra maiúscula é usada como forma de enfatizar o aumento da voz ou a ideia de urgência:

— E agora? — a Velha cochichou pro Bis. — Se eu não vou no banheiro JÁ, vai ser uma vergonha.

— A gente tem que ir no banheiro! — O Bis berrou, achando que, quanto mais gente ouvisse, melhor. (BOJUNGA, 2009, p. 50).

Há outra citação que demonstra essa mesma característica. Contudo, o “DEZ” em maiúsculo não busca somente diferenciar a intensidade vocal de Pollux, mas é uma forma do personagem convencer Pacífico sobre a maturidade que sua idade representa:

— E tem outra coisa, Pacífico: pra história de gente pequena, já chega tudo que eu tenho vivido; agora, pra me interessar, tem que ser história de gente grande. Você parece que nem se lembra mais que eu viajei sozinho até aqui. Você parece que já se esqueceu que hoje eu tô fazendo DEZ anos. (BOJUNGA, 2009, p.84).

A partir da análise da escrita de Bojunga, constatamos que sua narrativa é repleta de significados, possui uma linguagem intencionalmente coloquial, o que faz sua obra única: “seus textos são essencialmente literários, originalmente metafóricos e questionadores, e realizam-se enquanto linguagem, promovendo a empatia.” (SANDRONI, 2011, p.175). Portanto, o que faz do texto de Bojunga ser adequado para crianças e jovens é a forma como a linguagem é utilizada, de modo a dialogar com todos os públicos, independentemente do tema abordado.

Sobre o ciúme, várias de suas obras como *Corda Bamba*, *Tchau*, *6 vezes Lucas*, exploram essa temática, ainda que de modo mais indireto ou secundário. No entanto, de todas as obras, *Querida* é a que mais retrata este sentimento, sendo analisada logo após a teorização do tema, disposta a seguir.

3 O TEMA DO CIÚME: BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA

O ciúme é um sentimento cuja representação é muito recorrente na literatura. Está presente em clássicos como *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, e *Otelo*, de William Shakespeare. Em algumas obras de Lygia Bojunga, podemos perceber vários tipos de ciúme, por exemplo: no casamento, como em *Seis vezes Lucas*; entre irmãos, como no conto *A troca e a tarefa*, disposto no livro *Tchau* (2018); e pela mãe como em *Querida*, que é o foco deste trabalho.

Segundo Michelli (2012), é importante que a leitura permita a vivência de histórias que versam sobre a morte, o abandono, a rejeição, a dor etc., ajudando a criança a vencer o medo e a enfrentar as dificuldades da vida. Em *Querida*, há a presença de muitos destes temas, contudo, o problema do ciúme é o mais enfatizado.

No Dicionário Aulete, o ciúme é definido como um “Sentimento doloroso e complexo, nem sempre claro para a pessoa, e que pode envolver tristeza, insegurança e hostilidade, gerado por medo (baseado em motivos reais ou imaginários) da perda da pessoa querida”. Na obra analisada, Pollux sente medo de que sua mãe ame mais o atual marido que a ele. O ciúme do protagonista é acompanhado de outros sentimentos. Primeiro, frustração e indignação por ver sua mãe com alguém que não é seu pai; segundo, medo de perdê-la, acompanhado de profunda tristeza a ponto de, em certo momento da narrativa, dizer que não quer mais viver.

Segundo Santos (1998), o ciúme representa uma reação a uma perda afetiva ou ameaça de perda, fazendo com que o indivíduo se sinta humilhado e inseguro. Para ele, é um sentimento comum, assim como medo, inveja, raiva, saudade, mas que precisa considerar: “a origem, a intensidade, duração, a forma como a pessoa

que o sente reage, a importância que ela assume no seu cotidiano, como ela interfere na vida de quem vive com a pessoa.” (SANTOS, 1998, p.11). Em *Querida*, o ciúme aflige não só quem o sente, mas o sofrimento é estendido às pessoas ao seu redor: a sua mãe, triste por saber que seu filho não aprova seu casamento, e por ter que lidar com as constantes desfeitas e malcriações do filho, além da preocupação com a fuga do menino; ao padrasto, que tenta de todas maneiras cativar a afeição do garoto, sem sucesso.

Há vários tipos de ciúmes. Um deles, abordado por Santos (1998), é o ciúme patológico, que é quando o sentimento se torna doentio e obsessivo. Segundo ele, o ciúme faz com que aquele que o sente tenha sentimentos negativos

como o medo da perda de alguém, a inveja da maior liberdade e autodeterminação que se imagina o parceiro ter, a inferioridade perante o rival, o qual se costuma minimizar com adjetivos pouco elogiosos, mas que inconscientemente se imagina supervalorizado, as dúvidas sobre si mesmo, e os sentimentos de impotência, dependência, baixa auto-estima, depressão, desespero. (SANTOS, 1998, p.12).

Ter medo de perder alguém pode até soar romântico, mas isso, se exageradamente, constitui uma característica do ciúme patológico, no qual não há nada de belo. Muitos, por sentir este medo, tentam de todas as formas aprisionar o outro, temendo que este se afaste. Nessa situação, o que observamos é o desejo de exclusividade, como se o outro fosse um objeto que lhe pertencesse.

Santos (1998) categoriza o ciúme em dois tipos: o estado, quando surge devido à determinada situação; e a qualidade, quando ocorre constantemente no cotidiano. Para ele, o estado está relacionado a sentir ciúme e a qualidade a ser ciumento. Ademais, para o autor, o ciúme é normal quando está relacionado a uma situação real e imediata, no entanto quando se trata de algo prolongado e intenso, pode gerar angústia e ansiedade. Outro aspecto citado pelo autor é a projeção, um mecanismo de defesa do sujeito, fundamentado na atribuição ao outro de uma característica, intenção ou desejo que, na verdade, é sua:

Na linguagem psicológica, podemos dizer que ele projetava no outro o seu *ego-ideal*; o outro era a própria imagem da perfeição idealizada do que ele gostaria de ter sido, certamente espelhado em alguma imagem mítica apresentada ou imposta na infância. (SANTOS, 1998, p. 63).

Outro mecanismo de defesa é a racionalização. Para Santos (1998), a inveja e o ciúme são gêmeos porque ambos estão relacionados ao sentimento de posse: o ciúme se referindo a aquilo que possui e teme perder, enquanto a inveja se refere a algo que não tem e deseja ter, ou impedir que outro possua. Ele cita que o ciúme, muitas vezes, é uma manifestação da inveja, pois deseja estar no lugar do outro.

Referente à fase infantil, o autor aborda sobre a simbiose, que está relacionada ao cordão umbilical psicológico entre mãe e filho, que pode persistir na vida. Ele explica que essa fase ocorre quando o EU não consegue existir sozinho e necessita do TU para lhe dar identidade:

Freud descreveu, no Complexo de Édipo, a situação na qual a criança se veria atraída sexualmente pelo progenitor do sexo oposto, correndo o risco de ser “castrada” pela sua intenção incestuosa. Hoje em dia, essa estrutura ainda se mantém, mas com uma visão explicativa bastante modificada, representada pelo Complexo de Édipo Castração. Por ele, a compreensão dessa fase triangular do desenvolvimento infantil se dá no nível relacional, ou seja, o que é importante não é o desejo sexual, mas o de se relacionar e ser reconhecido. A sua ausência, a sua exclusão, é a tal da “castração”. Não é o pintinho do menino que é cortado, mas sim o seu direito de existir e se relacionar, Édipo não queria transar com a mãe; queria apenas ser reconhecido por ela. (SANTOS, 1998, p. 167,168).

A partir do que se entende modernamente como Complexo de Édipo, notamos, em *Querida*, o desejo de Pollux de se relacionar profundamente com Iara e ser reconhecido por ela. Ao vê-la em nova relação amorosa, o protagonista sente que seu lugar na vida da mãe está ameaçado pelo padrasto, sentindo-se excluído de sua identidade de filho amado e da coisa mais importante da existência de sua progenitora. Claramente, observamos aqui o mecanismo que Santos (1998), citando Filho (1980), denomina de triangulação:

A resolução ideal dessa “crise de triangulação” seria aquela em que a criança pudesse aceitar a realidade de que os “outros” têm relacionamentos independentemente dela e, que, necessariamente, não estaria ameaçada de perda afetiva (não sai lesada) com isso. Pode concretizar ligações com o TU (EU-TU), pode relacionar-se com o ELE, que nesse momento é um TU (EU-ELE), pode aceitar o TU-ELE como uma relação independente de si. Seria a possibilidade de um relacionamento “gestáltico” com este conjunto de dois. (FILHO, 1980 apud SANTOS, 1998, p.171).

A crise da triangulação é um tanto complexa, pois é difícil para a criança aceitar o terceiro na relação. Em *Querida*, como já evidenciamos, essa triangulação é composta por Pollux- Iara- Roberto. Na infância, o menino não consegue entender que sua relação com a mãe independe da ligação que ela possa ter com terceiros.

Pasini (2006) aborda que o ciúme nasce na criança, assim como outros sentimentos e emoções, e está relacionado à primeira infância (em que a criança teme a solidão) e ao complexo de Édipo. Ele destaca a síndrome do agarramento nos primeiros anos de vida, quando a criança depende da mãe, no sentido de existência e bem-estar psicológico. Essa fase mesmo superada pode voltar. O autor compara essa fase com uma criança que, no momento que começa a andar, se distancia a alguns passos da mãe, mas sempre volta. Ainda sobre a síndrome de agarramento, o autor destaca que o medo de ficar sozinho transforma-se em ciúme, sentimento legítimo na criança. Em vez de negá-lo, é necessário aprender que o objeto do amor pode ser compartilhado:

o ciúme não deve ser negado, mas conduzido, como qualquer outro sentimento primitivo da criança: a inveja, a possessividade, o egoísmo. E potencializando a auto-estima de quem é ciumento, de modo a que consiga imaginar que pode viver sem o outro: talvez triste, melancólico, mas não aniquilado. (PASINI, 2006, p.29).

Um dos sentimentos causados pelo ciúme é a raiva: “Raiva contra o traidor, contra o rival, contra uma situação vivida como injusta e intolerável.” (PASINI, 2006, p.46). Para o autor, a solidão, vazio provocado por quem que partiu, abre uma ferida de abandono, como se a pessoa não conseguisse enfrentar a separação; assim como outros sentimentos como a agressividade contra o rival, a possessividade e exclusividade.

Essas características são notórias no livro *Querida*. Pollux sente solidão e abandono provocados pela saudade do pai e pela decisão da mãe em “seguir a vida” com outro. Ao não aceitar os dois juntos, reage de modo agressivo com ela e o padrasto, pois ele considerava que está vivendo uma situação injusta e intolerável. A seguir, passaremos a focar mais detidamente o modo como o ciúme perpassa a vida de Pollux formatando suas relações interpessoais.

4 O CIÚME NA TRAJETÓRIA DE POLLUX: DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA

Como já abordamos, em *Querida*, de Lygia Bojunga, Pollux possui ciúme do relacionamento amoroso da sua mãe e, então, foge para a casa do tio, com o fim de

se “vingar”. Ele confessa: “Pra ela aprender a não gostar mais dele do que de mim.” (BOJUNGA, 2009, p. 87). Nessa citação, observamos o intuito do filho em castigar a mãe, desejando que sua atenção se volte apenas para ele. A fuga é uma estratégia para atingir esse fim: ao preocupar sua mãe, ele consegue ocupar todos os pensamentos dela, deixando seu padrasto em segundo plano. Dessa maneira, conforme Santos (1998), o ciúme define não só as ações do ciumento, mas também interfere na vida de quem com ele convive, pois tanto Lara como Roberto sofrem com a rejeição de Pollux.

Outra passagem importante é quando Pacífico descobre que Pollux fugiu de casa, e então o persuade a ligar para mãe a fim de lhe dar notícias. Todavia, o menino teima em não dizer onde está, como forma de vingança: “Não adianta: você não gosta de mim do jeito que você tem que gostar, então eu não vou te ensinar como é que você chega aqui.” (BOJUNGA, 2009, p.97). O argumento de Pollux é que a mãe não gosta dele como tem que gostar, e, por isso, merece uma punição. No fragmento citado, observamos como o filho deseja ter um amor exclusivo e se sente no direito de castigar sua progenitora. O menino parece dialogar com o discurso de que a maternidade é o aspecto mais importante da vida de uma mulher, sendo o amor pelo filho algo que deveria ser absoluto e inegociável. Portanto, a fuga parece funcionar como uma forma de a mãe, finalmente, decidir pelo amor mais natural e incondicional, pondo fim ao seu relacionamento amoroso.

Em conversa com Pacífico, Pollux afirma que seu padrasto é ruim, ciumento e que tentou lhe matar. Contudo, no decorrer da obra, observamos que isso não é verdade, pois o ciúme que o protagonista sente da mãe o faz criar mentiras para o tio – e para nós leitores. Vejamos outro trecho:

— Mas ainda tem o pior, Pacífico, muito pior: o cara me detesta! Eu não fiz nada pra ele, mas ele não aguenta nem olhar para minha cara. Ele quer que eu morra atropelado que nem meu pai morreu” — Abaixou a voz. — Ele pensa que eu sou bobo e que não saquei que ele quer ficar com minha mãe só para ele. (BOJUNGA, 2009, p.55).

Para justificar suas atitudes, Pollux conta mentiras sobre Roberto, definindo-o como um sujeito que lhe detesta e lhe quer mal. Além disso, afirma que o padrasto deseja Lara apenas para si. Notamos que, a partir do ciúme, más atitudes podem ser cultivadas, como a mentira, transformando o perfil do protagonista, visto que “O ciúme aparece então como alguma coisa que atua do exterior – ele corrói, ataca, abala a constituição moral [...] fazendo dele um outro.” (COLI, 2009, p. 261).

Em outro momento da narrativa, Pollux afirma: “Ele é horrível, Pacífico. Ele morre de ciúmes dela. E o pior é que ela gosta dele assim mesmo [...]” (BOJUNGA, 2009, p.57). O ciúme faz com que o garoto utilize palavras ofensivas, ao descrever o padrasto. Segundo Santos (1998, p. 12), o ciumento se sente com “inferioridade perante o rival, o qual se costuma minimizar com adjetivos poucos elogiosos.” A obra expressa a forma como Pollux trata e fala de seu padrasto. Sobre ele, nenhum elogio, ao contrário, o menino o retrata sempre como um vilão.

Outro aspecto decorrente do ciúme diz respeito ao exercício da hipocrisia. Segundo Coli (2009, p. 269), “são frequentíssimos os personagens hipócritas que separam o dizer do sentir.” Podemos observar que Pollux fala sobre seu padrasto ter ciúme de sua mãe, mas na verdade é ele quem o sente, agindo com hipocrisia. Constatamos, então, que o personagem separa o que diz do que sente, pois, mesmo sentindo o ciúme pela mãe, ele não expressa em palavras, ao contrário, esconde. No entanto, o ciúme fica evidente através de suas mentiras, emoções, atitudes, e argumentos pouco convincentes sobre a má índole de Roberto. Na

perspectiva de Santos (1998), percebemos, aqui, o funcionamento da projeção, quando o protagonista imputa ao outro um defeito que é dele.

Na citação “Nem é só porque o cara que a minha mãe gosta quer me matar, mas é também porque eu nunca vou perdoar ela de ter esquecido meu pai. Ainda mais assim, tão depressa.” (BOJUNGA, 2009, p.61), Pollux se projeta no seu pai, defendendo o seu lugar de marido e único amor. Dessa maneira, entende que sua mãe, ao “esquecer” de seu pai para viver com outro, também o deixa de fora de seu afeto, porque o menino possui profunda identificação com a figura paterna. Ademais, podemos perceber que Pollux possui talvez uma imagem idealizada do seu pai, pitando-o como ser perfeito, e, portanto, impossível que o padrasto lhe seja suficiente e bom, como acha que seu progenitor o foi.

O ciúme faz com que Pollux deixe de se dirigir à mãe pelo apelido carinhoso que antes a costumava chamar: “Querida”. “Ela só me chamava de meu amor; e eu só chamava ela de... de um nome que nunca mais vou chamar.” (BOJUNGA, 2009, p.74). Para o personagem é como se ela não mais merecesse ser chamada assim, como se por estar com outro alguém, deixasse de ser querida por ele. Quando o garoto diz que nunca mais vai tratá-la dessa forma, constata-se o drama da palavra “nunca” misturado com o rancor, visto que ele enxerga essa situação como uma possível traição da mãe.

Em outra passagem da obra, em que Pollux comenta com Pacífico que Roberto foi transferido para Austrália, o protagonista diz: “E aí, com o cara sumido na Austrália, pra quem que vai ficar tudo que é beijo e abraço que ela tá sempre dando pra ele? Me diz, me diz! pra quem que fica?...” (BOJUNGA, 2009, p.107). O plano do menino é que, com a partida do padrasto, os beijos e abraços da mãe ficassem apenas para ele. Segundo Santos (1998, p.135), o “espírito de rivalidade, de competição, de propriedade de posse é estimulado desde os primeiros anos de vida.” Percebemos que, na perspectiva do menino, há uma competição entre o padrasto e ele sobre quem fica com os carinhos da mãe, esta que é o prêmio almejado. Em telefonema com o tio, Lara desabafa:

Pacífico, escuta: eu conheço o meu filho mais do que a mim mesma. Foi só eu me apaixonar e casar com o Roberto que o Pollux mergulhou de cabeça numa crise de ciúme que não tem mais tamanho. O Roberto já não sabe mais o que fazer pra ganhar o amor do Pollux ; mas, quanto mais ele se dedica ao meu filho, mais provas de amor o Pollux exige de mim. Como eu não concordei em voltar a dormir no quarto dele, ele deve ter inventado essa saída de casa pra me castigar. (BOJUNGA, 2009, p.99).

Mesmo Roberto se dedicando a cativar o amor de Pollux e de ter boas intenções, o garoto não enxerga isto, pois o encara como alguém que está o privando de quem ele tanto ama: a sua mãe. É perceptível na obra que o personagem se sente ameaçado pelo padrasto, e isso traz angústia e sofrimento, ao ponto de o menino mais à frente dizer que está com vontade de morrer.

Santos (1998) aborda sobre a “crise da triangulação”, em que no relacionamento só há espaço para duas pessoas e a terceira é encarada como uma ameaça a ser combatida. Em *Querida*, Pollux não consegue conviver com a presença de Roberto, pois, na visão do menino, ele ameaça a relação com sua mãe. A rejeição ao padrasto é demonstrada pelo garoto por meio de suas atitudes: querer Lara apenas para ele, fugir de casa, e contar mentiras, para tornar vilão o companheiro da mãe etc.

Na obra, o ciúme é visto como um inimigo, fazendo com que a criança tome más atitudes, como viajar sozinho, mentir sobre o padrasto, não querer voltar para casa, nem dar notícias a sua mãe. Em um diálogo entre Pollux e tio Pacífico,

observamos a representação do ciúme como algo patológico, “tornando-se uma obsessão descontrolada e descontroladora” (SANTOS,1998, p. 12):

- Ela falou que você também.
- Também o quê?
- Tinha um amor doente pela tua mãe. (BOJUNGA, 2009, p.154).

No texto, o ciúme é retratado como uma obsessão, como algo doentio, admitido pelo próprio personagem Pacífico. No trecho citado, percebemos que, ao falar do sentimento do tio pela avó, Pollux se coloca na posição de quem partilha com ele o mesmo tipo de amor possessivo pela mãe. Há, portanto, uma identificação entre estes dois personagens, de modo que, não à toa, Pacífico, que tanto quer distância da família, nutre pelo sobrinho uma atenção especial. Do mesmo modo, Pollux, em sua fuga, procura justamente este tio, dentre tantos que ele tem, o que demonstra que o menino, mesmo antes de conhecê-lo, já se reconhecia na história de vida de Pacífico.

Analisando o percurso de ação e de afeto do protagonista, notamos que, nele, o ciúme é descontrolado, pois faz com que Pollux aja impulsivamente, deixando este sentimento controlar sua vida, suas ações e emoções, a ponto de a criança não ter vontade de nada, nem de viver:

- Tudo pode adoecer.
- Mas amor também?
- Tudo.
- E como é que a gente sabe quando ele adoece?
- Ah Pollux, acho que a gente sabe porque... porque ele carrega a gente. Quer dizer, a gente começa a adoecer junto com ele. Vai perdendo a alegria, vai deixando de se importar com os outros, fica só pensando na doença, acaba até ficando meio cansado de viver, o que, em outras palavras, significa: vontade de morrer. E quando a gente fica desse jeito é porque, tá doente, não é? (BOJUNGA, 2009, p.155).

Na obra, o ciumento é retratado como alguém triste, paranoico e depressivo – visto que ambos os personagens citam sobre a “vontade de morrer” –, por causa da intensidade do mau sentimento. Pacífico compartilha com Pollux sua reflexão sobre o amor que pode envenenar as relações, comparando-o a uma doença. Na trajetória de conhecimento do protagonista é fundamental o contato com o tio, que fala com propriedade não apenas porque possui sabedoria, mas também pelo fato de ter experienciado uma situação semelhante na infância.

Outro modo de representação do ciúme na obra é vê-lo como ato de possessividade. Pollux, referindo-se à mãe, diz a Pacífico: “Ela não desgruda dele.” (BOJUNGA, 2009, p.88). O menino utiliza o termo “desgruda” com o fim de enfatizar o apego exagerado da mãe pelo atual marido, e isso o perturba, pois, em sua percepção, ela deveria ser apenas dele e de seu pai. O menino parece ter a ideia de amor como posse, como exclusividade.

Apesar de o sentimento de possessividade pela mãe não ter perdurado, Pollux ainda cultiva certo ciúme dentro de si, sem demonstrar, controlando-o: “mesmo depois de se reconciliar com o Roberto, ainda tinha carregado por um bom tempo escondido no coração?” (BOJUNGA, 2009, p.187). O amadurecimento do personagem, a partir do reconhecimento de que, na verdade, o ciúme é que era o problema, foi possível pela intervenção da arte de Ella, uma atriz de teatro que, após ser abandonada pelo marido, entra em depressão ao ponto de tentar suicídio. Depois do acidente, faz várias cirurgias para recompor o rosto e isso a leva a se ausentar do convívio social. Dessa maneira, vai para o retiro e convida Pacífico para ser seu cozinheiro particular. A mulher passa a criar máscaras - estas utilizadas em

suas encenações – e continua atuando no retiro mesmo sem plateia e sem teatro, com um fim terapêutico.

No aniversário do protagonista, Ella cria uma peça sobre o ciúme, a fim de que o garoto reconheça esse sentimento. A mulher destaca uma estrela no céu dando a entender que se trata do pai falecido de Pollux, e em seguida dialoga com ela como se fosse o próprio filho falando com o pai: “Eu sempre achei que o nome que você escolheu pra mim, não combinava comigo, sabe, pai; então, [...] eu escolhi um nome que tem tudo a ver: CIÚME.” (BOJUNGA, 2009, p.125). Com este ato, Ella aponta que esse sentimento caracteriza a personalidade de Pollux, como se tivesse deixado de ser ele próprio, visto que o ciúme estava lhe dominando. Ao assistir à peça, Pollux tem uma “expressão de repulsa, que logo se misturou com uma expressão de dor.” (BOJUNGA, 2009, p.125). Percebemos, aqui, o momento em que a criança associa a palavra ao sentimento e começa a entender o que está sentindo. Ella continua atuando e diz:

Pai, você foi aí pra tão longe!... Deixou a gente sozinha aqui na Terra, a mãe e eu. Mas, pai, em vez de ficar só ela e eu, ela arranjou um outro você. [...] Ela pegou todo o amor que era só nosso e deu pra ele, pai! Eu quero pra mim, eu quero, eu quero, eu quero... (BOJUNGA, 2009, p.126).

Depois disso, Pollux sai correndo. Entendemos que o protagonista, ao enxergar a sua situação encenada, percebeu que o verdadeiro problema não seja o padrasto, mas o sentimento ruim que ele está nutrindo, pois “O ciúme nasce dessa e de outras coisas, mais ou menos ocultas, mais ou menos veladas. Sua conflagração remexe no lodo fundo e não sabido.” (COLI, 2009, p. 266). Pollux corre... Pode-se questionar o motivo disto ter ocorrido: Seria com objetivo de fugir desse sentimento? De não querer mais encarar a realidade? Por não ter o que dizer, por que no fundo sabe que é a verdade? Provavelmente por todos esses motivos.

Acerca do ciúme, comumente três características principais lhe são atribuídas: “1. Ser uma reação frente a uma ameaça percebida; 2. Haver um rival real ou imaginário e 3. A reação visa eliminar os riscos da perda do objeto de amor” (COSTA, 2010, p.21). Esses traços definem os sentimentos de Pollux, visto que o personagem se sente ameaçado pelo padrasto, encarando Roberto como rival, pois teme perder o objeto de amor: sua mãe.

Após a peça, Pollux admite para Pacífico: “— Era mentira. — O quê? — Aquelas histórias todas que eu contei do Roberto.” (BOJUNGA, 2009, p.152). Notamos que o personagem já se deu conta do que sente, e reconhece seus erros. Podemos observar também que o protagonista agora cita o nome do padrasto, diferente de outros momentos da narrativa em que se referia a ele como “o cara”. Nessa perspectiva, é necessário permitir “sentir o verdadeiro sentimento que está por trás do sintoma, isto é, o ciúme. Só encará-lo de frente torna possível sua resolução.” (SANTOS, 1998, p. 210). Quando Pollux reconhece as suas mentiras, reconhece também a causa delas: o ciúme. Dessa maneira, o menino passa a aceitar o relacionamento da mãe: “Se viu abraçando a lara [...] se viu estendendo os braços pro Roberto.” (BOJUNGA, 2009, p.167).

O protagonista, após compreender e refletir sobre o seu amor doentio, começa a enxergar a situação de forma diferente, ao ponto de se imaginar abraçando Roberto e sua mãe, demonstrando sentir saudades de ambos. Santos (1998) aborda sobre a triangulação citada por Fonseca Filho (1980), em que pode haver ligações com o TU (EU-TU), com o ELE (EU-ELE), assim como pode aceitar a relação (TU-ELE) como independente de si. Isso é o que acontece com Pollux, que passa compreender a relação amorosa da mãe: “A cada minuto que passava o Pollux ia ficando mais algariado com a ideia de se jogar nos braços da lara, de se

juntar com o Castor e... até mesmo com o Roberto. A decisão de voltar pra casa deixava ele alegre.” (BOJUNGA, 2009, p.170). Dessa forma, o protagonista retorna à sua casa e viaja com sua mãe e o padrasto, que era diplomata, para Austrália, sem maiores desgostos.

Após passar 20 anos sem voltar para o Brasil, Pollux recorda-se do passado, ao ver a notícia no jornal sobre a morte de Ella: “Tudo que o ciúme tinha feito ele sofrer quando a lara se apaixonou pelo Roberto: as noites mal dormidas, planejando o castigo para ela; a fuga de casa; o horror e o medo da encenação que a Ella fez do ciúme...” (BOJUNGA, 2009, p.181). Ao lembrar-se do que lhe ocorreu, ele relaciona o ciúme com o verbo sofrer, percebendo que tal sentimento não lhe trouxe nenhuma vantagem.

Na obra, o ciúme é retratado como uma tormenta, algo que traz perturbação e amargura. Pollux não se sente seguro sobre ter se livrado desse sentimento, e se questiona se ainda há dentro dele vestígios do ciúme:

Será que sim? Será que ia mostrar outra vez a cara horrenda na hora de amar verdadeiramente uma outra mulher? Quantas namoradas já tinha tido? Se apaixonava tão facilmente, mas muito mais facilmente se desapassionava... E nunca tinha sentido por alguma delas o ciúme que, no passado, aprisionava ele tanto tempo... Nenhuma tinha despertado nele a sensação penosa de perdendo ele, eu me perco... Era medo? Será?... será que era medo de voltar a ser torturado por aquele ciúme que tinha sentido da Querida, e que mesmo depois de se reconciliar com o Roberto, ainda tinha carregado por um bom tempo escondido no coração? (BOJUNGA, 2009, p.187).

Apesar de não expressar o ciúme em seus relacionamentos amorosos com a mesma intensidade com que sentiu pela mãe, esse sentimento sempre esteve presente na vida de Pollux. Na obra, são citados os nomes de três mulheres com quem Pollux se relacionou: Gina, Stella e Lorena. Todos os seus relacionamentos foram mal sucedidos, pois o protagonista não se sente satisfeito com o amor, além disso, o ciúme sempre o afeta, seja sentido por ele, ou pela sua parceira.

O relacionamento com Gina não durou, visto que a namorada tinha ciúmes dele, por ser escritor e dedicar seu tempo à escrita, precisando, assim, passar tempo em silêncio e isolado:

Mas você só escreveu sobre ela!” “Que ela, Gina?” “A Sicília! Você só fala dela, não fala nada de mim!” “Mas, Gina, eu vim pra cá pra escrever sobre a Sicília.” “Mas você me disse, você me jurou! Que a coisa mais importante que tinha te acontecido aqui foi ter me encontrado! E como é que agora você escreve um livro inteiro e não fala uma palavra de mim e de nosso amor! (BOJUNGA, 2009, p.204).

Gina sentia ciúme por Pollux escrever sobre a região da Sicília, e não citar em nenhum momento o nome dela, pois não compreendia como podia ser especial, se o namorado não escrevia sobre o amor dos dois. Todavia, Pollux era escritor de viagens, e não de romance. Não citar o nome da namorada em algum livro, não significava que não a amasse. O relacionamento deles não deu certo, pois ela “passou a competir com o livro [...] — Perdeu pra ele, é claro. Então pediu que eu fosse embora, e eu fui.” (p.205). Na citação, é perceptível como Gina sentia ciúme de Pollux com seu livro, a ponto de competir, seja a atenção e o tempo que ele gastava para escrever, seja a importância que ele dava para o seu trabalho.

O relacionamento de Pollux com Stella também não deu certo. Vejamos o seguinte trecho:

[...] como eu estava apaixonado pelo México, eu queria escrever o México, como ela estava apaixonada pelo México, ela queria viver o México. Ela reclamava que eu escrevia ele demais; eu reclamava que ela vivia ele

demais. Era impressionante, sabia? Ela não sossegava um minuto, queria assuntar cada canto do México, queria descobrir tudo que é mistério que ele tinha, extraía um prazer absurdo de cada descoberta que eu fazia; eu comecei a sentir ciúme do México, e quanto mais ciúme sentia, mais eu me isolava num canto qualquer pra escrever ele, e quanto mais eu escrevia, mais ela se ressentia de me ver grudado naquele livro, e cada vez que eu dizia não! Pra acompanhar ela numa nova excursão, lá vinha a eterna acusação: eu gostava mais do livro do que dela [...] (BOJUNGA, 2009, p.207).

No relacionamento com Stella, ambos eram ciumentes, sendo esse sentimento despertado pelo mesmo gatilho: o México. Tanto um como o outro eram apaixonados pelo país da Frida Kahlo, contudo, enquanto Pollux deseja escrever sobre o México, sua namorada ansiava por vivê-lo, conhecendo todos os lugares possíveis deste canto do mundo. Notamos que o protagonista admite que sentia ciúme do México, e que esse sentimento o fez se isolar cada vez mais para escrever. Por outro lado, Stella sentia ciúmes do parceiro, por achar que ele gostava mais do livro que dela. Percebemos como ambos os relacionamentos de Pollux foram rompidos pelo mesmo motivo: o ciúme. Observe-se outro fragmento:

No fim de oito meses o nosso pra-sempre já estava em frangalhos. Então eu pedi licença pra Stella e fui acabar meu livro na quietude de um quatinho de fundos lá em Londres, onde o Roberto estava servindo. Mesmo porque eu andava com uma saudade danada dele e da Querida. Felizmente não me senti nada culpado: afinal de contas, eu tinha deixado a Stella nos braços de México, não é?... (BOJUNGA, 2009, p.208).

De certa forma, o ciúme ainda perturba no personagem, visto que ele diz que não se sente culpado pois deixou a namorada nos braços do México, constatando-se em seu discurso o rancor e o ressentimento. Observamos como o ciúme está enraizado no seu coração, pois, mesmo após o término do relacionamento, ele fala como se ainda sentisse ciúmes. O que ocorreu com Stella é similar ao que aconteceu com sua mãe, visto que quando estava com ciúmes de lara, ele foge para puni-la. Da mesma forma, Pollux faz com a namorada, vai embora para castigá-la, já que, em sua visão, ela preferia o México.

O ciúme de Pollux por Stella e o México retrata a irracionalidade da possessividade e o quanto esse sentimento excessivo não precisa ter um real motivo para existir, pois “O ciúme excessivo (patológico) é uma preocupação infundada, irracional e irreal, composta de diversas emoções e pensamentos que provocam prejuízos significativos no funcionamento pessoal e relacional.” (COSTA, 2010, p.15).

A última mulher mencionada no livro é Lorena, que, assim como as outras, não obteve sucesso no amor com Pollux. Mais uma vez, o relacionamento amoroso do protagonista entra em crise, pois a namorada não suporta vê-lo agarrado a um novo livro. O narrador afirma que

[...] depois de alguns meses do Pollux e da tal Lorena viverem juntos pra-sempre, ela entrou em crise (não estou segura se foi crise de ciúme ou de solidão): não aguentou ver o Pollux agarrado com um novo livro. E foi viver com um outro que, em matéria de literatura, se contentava, feito ela, em ser leitor...” (BOJUNGA, 2009, p.233).

Dessa maneira, a escrita é como se fosse o ELE retratado na crise da triangulação, pois observamos que, no imaginário de suas companheiras, a escrita ocupa a função do outro ou do terceiro na relação amorosa, constituindo-se como um objeto desestabilizador. Isso porque, tal como o amor, a escrita demanda tempo para ser desenvolvida, tempo esse que, para as parceiras, deveria ser gasto com elas. Segundo Pasini (2006), isso é algo que acontece frequentemente com

parceiros que são possessivos e repreendem o outro pelo tempo que gasta com outras atividades, em vez de lhes dar atenção exclusiva.

Uma última nota é que a narrativa é contada pela perspectiva do personagem Pollux, não havendo confronto de pontos de vista. A voz de suas parceiras não aparece no romance, de modo que o ciúme a elas atribuído é de exclusiva responsabilidade do narrador, que explicitamente adere à visão do protagonista. Portanto, seria cabível acreditar em só um lado da história – este sendo contado por um personagem que se assume como ciumento? Fica a cargo do leitor fazer essa reflexão. Para nós, do mesmo modo que o personagem, na infância, mentia para justificar a irracionalidade de seu sentimento e ações, pode estar mentindo também agora, para colocar na parceira a culpa de sua dificuldade de amar sem fazer do outro sua vítima, seu objeto de posse.

5 CONCLUSÃO

A partir da obra *Querida*, é perceptível a representação do ciúme como um componente da personalidade humana logo na infância, podendo durar até a vida adulta. Na fase infantil, o protagonista sentia-se ameaçado ao ver sua mãe apaixonada, encarava o padrasto como rival, temia perder o objeto de seu amor:

Na fase adulta, todos os seus relacionamentos amorosos foram mal sucedidos em decorrência do ciúme. *Querida* aborda como esse sentimento traz tristeza e infelicidade para quem sente, e como faz sofrer também o objeto desse amor adoecido. Quando criança, o protagonista Pollux sentiu vontade de nada, “será que é vontade de morrer?”, pois a intensidade do ciúme lhe causava outros sentimentos negativos, como insegurança, medo, angústia etc; quando adulto, o ciúme causou infelicidade em seus amores e romances, e fez com que, por fim, se tornasse um escritor solitário, exilado em seu próprio mundo. Para ele, era uma forma de fugir desse sentimento, pois o ciúme não o perseguiria enquanto estivesse só.

O tema ciúme é pouco presente na literatura infanto-juvenil. É necessário que este público tenha contato com leituras que abordem suas realidades, visto que as crianças não estão isentas desse sentimento. *Querida*, mesmo tratando-se de uma obra infanto-juvenil, não se limita a esta classificação, pois trata de temas e sentimentos comuns a toda gente. O leitor, ao se identificar com o protagonista Pollux, pode refletir sobre o ciúme, sendo instigado à leitura.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Benedito. **A literatura juvenil na escola**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

AZEVEDO, Ricardo. Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias. *Revista Signos*, Ano 20, nº 1, Lajeado, Univates, 1999, p. 92- 102.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BOJUNGA, Lygia. **Querida**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2009.

BOJUNGA, Lygia. A troca e a tarefa. In: **Tchau**. 20 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2018. p.89-112.

BULFINCH, Thomas. **O livro de outro da Mitologia**: histórias de deuses e heróis. Tradução de David Jardim. Rio de Janeiro: Agir, 2014.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p.171-193.

COLI, Jorge. O lenço e o caos. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p.261-285

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.

COSTA, Andrea Lorena da. **Contribuições para o estudo do ciúme excessivo**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MICHELLI, Regina. Contos fantásticos e maravilhosos. In: FILHO, José (Org.). **Literatura infantil em gêneros**. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012. p.26-56.

PAIVA, Aparecida. A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas. In: PAIVA, Aparecida; Soares, Magda. (orgs). **Literatura infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p.35-77

PASINI, Willy. **Ciúme**: a outra face do amor. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga**: As reações renovadas. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SANTOS, Eduardo Ferreira. **Ciúme**: o medo da perda. São Paulo: Editora Ática, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007